

SHAKIRA

2 de maio, desde o altar do planeta

Há uma pergunta que me persegue desde o dia em que recebi o convite, e tive que percorrer muitos quilômetros e muitos pensamentos antes de poder respondê-la. Por que eu. Por que Copacabana. Por que o Rio de Janeiro. Por que agora.

Para respondê-la tenho que voltar atrás, a um dia em que tudo o que eu tinha construído desabou ao mesmo tempo. Não foi um processo longo, não houve sinais graduais: foi uma única manhã em que acordei sendo outra mulher e com outra vida. E no dia seguinte era preciso levantar igual, fazer o café, levar as crianças à escola, atender o telefone, sustentar uma carreira. A vida não dá trégua às mulheres que de repente ficam sozinhas com tudo nas costas.

Desde aquela manhã até hoje tive que me reinventar inteira. Como mãe, como provedora, como artista, como mulher. E desse aprendizado, feito às vezes a tropeços e às vezes com uma clareza que só a dor é capaz de dar, nasceu esta turnê que se chama *Las mujeres ya no lloran*. Não é um grito de revanche nem uma bandeira de vitimização. É exatamente o contrário: é a constatação serena de que chorar já não basta, de que há filhos

que sustentar, contas que pagar, vidas que empurrar para frente. E de que se pode fazer, e se pode fazer com dignidade.

Enquanto viajava com esta turnê pelo mundo, comecei a ver meu próprio rosto em muitos outros rostos. Mulheres que me esperavam depois dos shows para me contar, em dois minutos e com os olhos brilhando, uma versão da mesma história. Mulheres que estavam sozinhas, mas não derrotadas. E entendi que aquilo que eu acreditava ser uma experiência íntima era, na verdade, a biografia de toda uma geração de mulheres latinas.

Porque a mulher latina mudou. Durante décadas os livros e os filmes a pintaram entregue ao cuidado da casa, calada e suplente. Essa imagem ficou velha. A mulher latina de hoje decidiu seguir em frente e ser provedora de tudo: sustenta a economia da casa, decide, lidera, levanta projetos, cria sozinha se tem que criar sozinha. Mas não confundiu por isso as prioridades. Acima de tudo, continuou sendo o coração do lar, o templo de amor dos seus, a que guarda os afetos e os valores que se passam aos filhos, a que faz da vida uma dança ainda que o dia venha difícil. Faz o que tem que fazer, sim, mas não perdeu de vista para que o faz. E isso, neste momento da história, não é um detalhe: é uma maneira de não se perder.

E então cheguei ao Brasil. E descobri que neste país há vinte milhões de mães solteiras que tocam suas famílias para frente em silêncio, mas com uma decisão que estremece. Vinte milhões de mulheres que sustentam casas, que sustentam escolas, que

sustentam uma porção enorme da economia de um país, sem pedir permissão nem protagonismo. Quando me disseram esse número, fiquei calada por um bom tempo. E depois pensei: nossa, eu sou uma delas. Tomara que este show possa ser, ainda que por uma noite, o espelho no qual essas mulheres se reconheçam, porque são elas as que carregam hoje, no corpo e na rotina, o DNA mais puro da mulher latina contemporânea.

A essa mulher quero dedicar o 2 de maio.

E para dedicá-lo a ela, não havia melhor lugar no mundo que Copacabana. Porque se a gente se detém para olhar o Rio de Janeiro, entende que o planeta colocou ali, quase de propósito, todos os ingredientes que o ser humano precisa para não se confundir. É como se a natureza tivesse querido fazer isso tão óbvio que não restasse dúvida. O mar. A lua. O pôr do sol. A praia. As ondas. O tambor que aparece em qualquer esquina sem que ninguém o tenha convocado. As montanhas que descem para procurar a água. Uma gente que entendeu, há muito tempo, que a vida se dança. O Rio é o lugar onde o planeta parece querer pegar a gente pela mão e dizer: *olhem, isto é o que importa, não se distraiam.*

O que importa é estar presente. Com os pés na areia. Com gratidão pelo planeta em que nos coube viver. Porque nesse presente está o amor, está a felicidade, está o sentido da vida. Não é preciso procurá-lo em outro lugar.

E vivemos um momento em que o mundo se esqueceu disso. Passamos as horas com os olhos cravados numa tela desenhada para nos mover a partir do medo e nos colocar uns contra os outros. Enquanto isso há guerras reais, há mísseis reais, há jovens morrendo por palavras que nem sequer são suas. Perdemos o norte do que importa porque alguém desenhou um algoritmo para que o perdêssemos.

Essa é minha resposta. Por isso eu. Por isso Copacabana. Por isso agora.

Porque se o planeta Terra tivesse um altar capaz de falar por si mesmo, esse altar seria Copacabana. E num mundo confundido pela manipulação do algoritmo, o Rio oferece à humanidade esse altar para que voltemos a enxergar com clareza.

A gente se encontra ali, onde a maré humana se confunde com a maré do mar. E se nos atrevermos a cantar todos numa só voz no 2 de maio, talvez nessa noite o planeta inteiro consiga nos ouvir, e se lembre do que estávamos a ponto de esquecer.

Com amor,

A handwritten signature consisting of a large, stylized letter 'S' followed by the word 'hak' in a smaller, cursive script. The word 'hak' is underlined with two horizontal lines.